

**Como roubar cavalos aos caras-pálidas:
Poesia e contracultura em Joy Harjo¹**

**João de Mancelos
(Universidade Católica Portuguesa, Viseu)**

Palavras-chave: Pós-colonialismo, contracultura, Joy Harjo, poesia ameríndia, cavalos

Keywords: Post-Colonialism, counterculture, Joy Harjo, Native American Poetry, Horses

Quem atravessar as planícies do sudeste e sudoeste dos Estados Unidos poderá apreciar a beleza dos cavalos que trotam livremente pelas quintas e *haciendas*. Parte destes animais descende do cavalo cruzado de raça andaluza com árabe, introduzido no Novo Mundo pelos conquistadores espanhóis, no século XVI (Tindall, 1999: 26, 27). As tribos ameríndias depressa descobriram as potencialidades dos equídeos: permitiam-lhes perseguir os búfalos; atacar com rapidez os inimigos; transportar pessoas e bens; impressionar o pai da noiva, ao qual eram oferecidos.

Neste contexto, o cavalo, ou *cão-espírito*, era sinónimo tanto de riqueza como de prestígio entre as tribos, havendo chefes que se gabavam de possuir um milhar de animais (Zimmerman, 1997: 49). Penetrar num rancho, a coberto da noite, iludir os colonos, e surripiar uma ou várias montadas constituía não apenas um teste à bravura e destreza dos jovens ameríndios, mas também uma provocação aos invasores.

A poeta ameríndia Joy Harjo (1951), membro da tribo dos Muskogee, também rouba os cavalos, mas de forma metafórica e artística. No meu breve ensaio, analiso como a escritora se apropria deste elemento e o transforma num poderoso símbolo de contracultura. Entendo contracultura como uma posição ideológica, protagonizada por um indivíduo ou grupo, membro de uma ideologia dominada ou marginal, que questiona e provoca a hegemonia WASP, na sua totalidade, ou relativamente a aspetos políticos, étnicos, sexuais e artísticos). Para tanto, analiso alguns poemas da obra *She Had Some Horses*, aquela em que os cavalos são um símbolo mais frequente e plurissignificativo. Recorro ainda à opinião de diversos ensaístas (sobretudo Rhonda Pettit e Norma Wilson), e a uma entrevista inédita que Harjo me concedeu em Junho de 2001.

Os equídeos constituem uma presença tão constante na produção de Harjo que os

¹ Mancelos, João de. “Como roubar cavalos aos caras-pálidas: Poesia e contracultura em Joy Harjo”. *O Lago de Todos os Recursos: Homenagem a Hélio Osvaldo Alves*. Org. Luísa Leal de Faria, e Teresa de Ataíde Malafaia. Lisboa: Centro de Estudos Anglisticos da Universidade de Lisboa, 2004. 119-126. ISBN: 972-8063-28-8

leitores se sentem naturalmente intrigados. Numa entrevista a Bill Moyers, a poeta explica esta paixão através de uma experiência marcante que tivera quando estudante universitária:

I was driving my little red truck from Albuquerque to Las Cruces and somewhere halfway between those cities a horse appeared to me. I could smell the horse and I could see it at the edge of my vision, and this horse was a very old friend, someone I hadn't seen in a long time. (...) I had tears running down my eyes because it was so good to see this horse whom I hadn't seen in years. I noticed that for me certain forces seem to take two or three years before they come into being, and it took about that long before the poems with the horses began to emerge. (Moyers, 1996: 45-46)

Lendo esta tocante descrição, o leitor quase acredita que os cavalos sempre fizeram parte da fauna e mitologia da América do Norte, ao ponto de neles encarnarem os vivos e os antepassados. Tal é parte integrante da estratégia de Harjo para criar contracultura: apropriar-se de um símbolo do inimigo, roubar-lhe a arma, e usá-la contra o antigo dono.

Note-se a ironia deste processo: os cavalos foram imprescindíveis para a submissão e pilhagem dos territórios ameríndios. Em 1519, o conquistador Hernando Cortés fez cair o Império de Montezuma, graças aos cavaleiros — que pareciam aos ameríndios fundir-se com o próprio animal, formando um único ser, fantástico e aterrador. Os cavalos também desempenharam um papel de relevo nas expedições subsequentes, que reconheceram e colonizaram os territórios da Nova Espanha. Como observa um dos soldados de Francisco Coronado, líder da exploração de 1540-1542: “The most essential thing in new lands is horses. They instill the greatest fear in the enemy and make the Indians respect the leaders of the army” (Tindall, 1999: 27).

Séculos mais tarde, a cavalaria norte-americana, em particular o sétimo regimento, protagonizou diversas batalhas e chacinas na costa leste. Só no massacre de Wounded Knee, em Dezembro de 1890, pereceram pelo menos duas centenas de sioux, metade dos quais mulheres e crianças (Wearne, 1996: 78, 79). Por sua vez, sobretudo após o *Homestead Act*, em 1862, as caravanas, constituídas por dezenas de carroças cobertas, puxadas a cavalo, levaram os pioneiros rumo a oeste, para ocuparem territórios outrora pertencentes a várias tribos.

Um segundo passo da estratégia da escritora consiste em investir com valores eufóricos os cavalos. Rhonda Pettit afirma que, na poesia de Harjo, os equídeos apresentam um rol de qualidades particularmente apreciadas na cultura ameríndia: a lealdade, a graça, a beleza, o instinto (Pettit, 1998: 24). No poema “Skeleton of Winter”, por exemplo, os cavalos são apresentados como os mais antigos aliados do ser humano na natureza:

There are still ancient
symbols
alive
I did dance with the pre-historic horse
years and births later
near a cave wall
late winter.
(Harjo, 1997: 30)

Noutros poemas de Harjo, os cavalos assumem conotações francamente negativas. Em “The Black Room”, são descritos como corcéis negros e representam os traumas e ansiedades que assaltam uma mulher durante o sono:

Maybe there were some rhythms that weren't
music. Some signified small and horrible deaths
within her — and she rode them like horses into
star patterns of the northern hemisphere, and
into the west.
(Harjo, 1997: 25)

No poema “What I Should Have Said”, os cavalos encarnam os amantes afastados nos sentimentos e no espaço, pois um encontra-se em Santa Fé, outro em Albuquerque:

I love you. The words confuse me.
Maybe they have become a cushion
keeping us in azure sky and in flight,
not there not here.
We are horses knocked out with tranquilizers
sucked into a deep sleeping for the comfort
and anesthesia death. We are caught between
clouds and wet earth
and there is no motion
either way
no life
to speak of.
(Harjo, 1997: 50)

Por alargamento, estes amantes (uma mulher e um homem incomunicáveis e desunidos), podem representar os ameríndios e os euro-americanos, em busca de uma forma de se relacionarem. Harjo utilizará esta analogia sobretudo na obra *In Mad Love and War* (1990) que, como o título indica, se debruça poeticamente sobre questões como o ressentimento e a reconciliação interétnicos.

As ambivalências do cavalo como símbolo animal são apresentadas na primeira parte do poema “She Had Some Horses”, que dá título à obra (Harjo, 1997: 63, 64). A autora lista os diversos tipos cavalos, através de um paralelismo estrutural, repetitivo, a lembrar as orações

tribais. Quase todos os versos principiam por “She had some horses who...” ou “She had some horses with...”; alternando com as estrofes pares, surge a mesma expressão, “She had some horses”, o que contribui para o ritmo e musicalidade do texto.

Na segunda estrofe, a autora identifica os cavalos com os elementos da natureza: “She had some horses who were bodies of sand”, “ocean water”, “blue air of sky”, “clay”, “red cliff”, etc. (Harjo, 1997: 63). Na quarta, são-lhes já atribuídas características humanas: ora são cavalos mal comportados, que se riem demasiado, atiram pedras aos comboios e lambem lâminas de barbear, ora seres afáveis, que dançam com as mães e não se intrometem na vida dos outros (Harjo, 1997: 63).

Nas estrofes seguintes, a autora prossegue a ladainha, realçando as diferenças e antagonismos: tal como as pessoas, alguns cavalos têm nome, enquanto outros mergulham num total anonimato; alguns receiam exprimir os seus sentimentos, outros fazem-no aos brados; alguns acreditam estar salvos, outros rezam pela redenção.

Finalmente, na última estrofe da primeira secção, em apenas três versos, Harjo sumaria e abarca toda a variedade anteriormente apresentada: “She had some horses she loved. / She had some horses she hated. / These were the same horses” (Harjo, 1997: 64). A propósito deste apanhado desconcertante, Norma Wilson sugere:

The horses represent diverse facets of an individual’s psyche, or various types of people, from the aloof and self-centered to the servant of others. (...) Moving toward an acceptance of the whole human condition, Harjo blends human and nonhuman nature and conflicting feelings and attitudes, acknowledging the constant duality of love and hate between human beings who are emotionally close to one another. (Wilson, 2000: 114)

Na mesma linha, na referida entrevista a Moyers, Harjo reflete sobre a ambivalência do cavalo como símbolo na sua poesia: “I see the horses as different aspects of a personality which are probably within anyone. We all have herds of horses, so to speak, and they can be contradictory. Those contradictions are a part of me” (Moyers, 1996: 48, 49). Nesta terceira fase da estratégia de criação de contracultura, Harjo integra os seus opostos, representados pelos vários cavalos. Assim, a poeta compreende (no sentido de integrar e perceber) o eu e o outro; dá-se conta que os cavalos do inimigo são também os seus; de que opressor e vítima partilham, afinal, aspetos semelhantes — pois todos somos humanos, nas ambivalências e contradições.

Em Junho de 2001, numa entrevista escrita e inédita, perguntei a Harjo: “If ‘the real revolution is love’, to what extent can poetry, in general, encourage a better understanding between Native Americans and European Americans, and help to end what you call ‘the huge

monster of violence’?” A escritora respondeu:

to enter into the stream of poetry is to enter into love. Love is a force that’s been downplayed, relegated to romance. By love I mean compassion, a compassion that makes a story that is able to continue with dignity, despite shame, despite all attempts to thwart it. Compassion enables a people to see beyond the senses, beyond the mind, to the level of god in which all life is connected. We acknowledge our enemies, those who have tested us, those who hate us, but retain a dignity and keep singing. It is easier to pick up a gun or a bomb and kill those who have killed you. That is called ‘power’ in this postcolonial world. Real power is in compassion. Poetry has taught me this. (Mancelos, 2002: XIII)

Ao apropriar-se dos cavalos, símbolo do poder euro-americano, ao reclamá-los para si e para os seus, ao investi-los com qualidades apreciadas pelas tribos, Harjo constrói uma poética de contracultura. Não se trata apenas de trazer o rio dos brancos para o leito dos ameríndios, mas sim de o fazer correr na direção da nascente; de o devolver para que quem enviou as águas se contemple nelas; e se veja como é visto; e vendo-se se *conheça* mais do que *reconheça*.

Bibliografia

- Harjo, Joy. *She Had Some Horses* [1983]. New York: Thunder’s Mouth, 1997.
- Mancelos, João de. *O Espírito da Terra na Obra de Toni Morrison, Rudolfo Anaya e Joy Harjo*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Católica Portuguesa, 2002.
- Moyers, Bill. “Ancestral Voices: Interview with Bill Moyers”. *The Spiral of Memory: Interviews*. Ed. Laura Coltelli. Ann Arbor: U of Michigan P, 1996. 36-49.
- Pettit, Rhonda. *Joy Harjo*. Boise: Boise State UP, 1998.
- Stever, Sharyn. “Landscape and the Place Inside: Interview with Sharyn Stever”. *The Spiral of Memory: Interviews*. Ed. Laura Coltelli. Ann Arbor: U of Michigan P, 1996. 75-87.
- Tindall, George Brown, and David E. Shi. *America: A Narrative History*. 5th ed. New York: Norton, 1999.
- Wearne, Phillip. *Return of the Indian: Conquest and Revival in the Americas*. Foreword by Rigoberta Menchú. London: Cambridge UP, 1996.
- Wilson, Norma C. *The Nature of Native American Poetry*. Albuquerque: U of New Mexico P, 2000.
- Zimmerman, Larry J., e Brian Leigh Molyneaux. *Os Índios da América do Norte: Crença e Ritual, Visionários, Feiticeiros e ‘Tricksters’, Espíritos da Terra e do Céu*. Trad. Sofia Gomes. Lisboa: Temas e Debates, 1996.

Resumo

Os cavalos são uma presença tão constante na obra de Joy Harjo que os críticos se sentem intrigados. Recorrendo à opinião de vários ensaístas e a uma entrevista inédita que Harjo me concedeu, mostro que se autora *apropria* um elemento estranho à sua cultura, uma importação europeia, tornando-o numa parte importante quer da escrita, quer do imaginário ameríndio. Contudo, note-se a ironia: os cavalos foram fundamentais para a colonização e submissão das tribos. Basta pensar na cavalaria, que protagonizou algumas das maiores chacinas, ou nas caravanas que levaram os pioneiros rumo a oeste, para ocuparem territórios ameríndios. Neste ensaio, mostro como ao apropriar-se de um símbolo do invasor, ao mitificar estes animais, ao investi-los com novos significados, ao personificá-los, ao reclamá-los para si e para os seus, Harjo usa a literatura como *contracultura*, num claro desafio à hegemonia WASP. Consequentemente, obriga o leitor euro-americano a conhecer-se, mais do que a reconhecer-se, e a perceber-se como um eixo de diferença e não um padrão de autoridade.